

A ATUALIDADE DE *A CONDIÇÃO HUMANA* DE HANNAH ARENDT: “O QUE ESTAMOS FAZENDO”

The presentation of Hannah Arendt's Human Condition: "what we are doing"

Fernando Nascimento
UFPE

Resumo: O objetivo do artigo é refletir sobre a atualidade e o alcance do conteúdo da obra *A condição humana* de Hannah Arendt, a partir da afirmação contida no prefácio de que “o que estamos fazendo é o tema central desse livro”. Para esse fim, partimos da contextualização da obra, mostrando que o livro deve ser lido como a obra de uma judia contemporânea da Segunda Guerra que sofreu as consequências da ascensão do nazismo no seu país e, segundo, que a sua concepção está ligada ao que foi desenvolvido anteriormente em *Origens do totalitarismo*.

Palavras-chave: Condição humana, alienação, atualidade

Abstract: The purpose of the article is to reflect on the actuality and scope of the content of Hannah Arendt's *The Human Condition*, from the statement in the preface that "what we are doing is the central theme of this book." To this end, we start from the contextualization of the work, showing that the book should be read as the work of a contemporary Jew of the Second War who suffered the consequences of the rise of Nazism in her country and, second, that its conception is linked to what was previously developed in *Origins of totalitarianism*.

Keywords: Human condition, alienation, present

1. O contexto d'*A condição humana*

A Corrida Espacial ganhou lugar de destaque no cenário político da Guerra Fria na década de 1950. Por um lado, a União Soviética saiu na frente com o Programa Sputnik, lançando em 1957 o primeiro satélite artificial e pouco tempo depois, no mesmo ano, conseguindo enviar o primeiro ser vivo em missão ao espaço, a cadela Laika. Por outro lado, os Estados Unidos procuraram responder rapidamente com o Projeto Apollo e lançaram em janeiro de 1958 o seu primeiro satélite artificial ao espaço. A rivalidade entre os países,

marcada, sobretudo, nessa fase da Guerra Fria pelo acirramento da disputa da hegemonia tecnológica, foi o quadro político sob o qual *A condição humana* foi publicada. Atualmente, diferentemente do contexto anterior, pode ser destacado o terrorismo como uma das maiores preocupações da política, junto com os problemas humanitários gerados pelo crescimento do número de refugiados. Além disso, não se pode deixar de registrar outros pontos preocupantes da conjuntura internacional, como a instabilidade da gestão Trump, nos Estados Unidos; as tentativas de negociação de paz na Península Coreana; a experiência de retomada do protagonismo russo na arena internacional; as perenes tensões no Oriente Médio; e o avanço da ultradireita na Europa e no mundo.

Embora escrita em uma situação política diferente da atual, *A condição humana* permanece oferecendo referencial para pensar a atualidade dos acontecimentos políticos. O que se comprova pelo crescente interesse na obra, tanto na filosofia quanto em outras áreas do conhecimento. Por isso, no seu sexagenário questionamos em que sentido pode-se afirmar que esta obra continua a proporcionar reflexões que contribuam na compreensão das experiências políticas mais recentes?

Muitos podem ser os caminhos para uma resposta sobre a questão da atualidade de *A condição humana*, todavia, optamos nesse texto por delimitar a presente contribuição ao que está exposto no prefácio, relacionando ao percurso intelectual da autora e ao alcance do conteúdo do livro. No prefácio, ela esclarece qual é o tema central: “o que proponho, portanto, é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo.”¹ Afirmação que por si só é suficiente para uma reflexão sobre o seu alcance. Portanto, no presente texto, não se trata de remontar a vida e a obra de Hannah Arendt, delimitando *A condição humana* como objeto de análise. Trata-se de apresentar a opção que orienta a posição desenvolvida, objetivando mostrar o alcance do conteúdo do livro e que na frase “o que estamos fazendo” percebe-se a sua atualidade.

Hannah Arendt foi uma judia, natural de Hannover, Alemanha, contemporânea da Segunda Guerra Mundial, que se destacou como pensadora política com a publicação de *Origens do totalitarismo* em 1951. Antes do reconhecimento como uma destacada intelectual passou vários anos na condição de apátrida nos Estados Unidos, para onde foi no

¹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo; revisão técnica Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 6.

começo dos anos 1940, refugiada da Guerra. Saiu da Alemanha em 1933, por causa da ascensão do nazismo que possuía como um dos princípios basilares o antissemitismo. Inicialmente, ela passou alguns anos na França, onde se envolveu na militância e na defesa intelectual do sionismo; porém, depois de iniciada a Segunda Guerra chegou a ser detida em um campo para estrangeiros, conseguiu escapar e migrou clandestinamente para os Estados Unidos.²

Defendeu tese de doutorado em 1928 sobre a concepção de amor em Agostinho, e pensava em se dedicar à filosofia; contudo, os acontecimentos políticos da época, como a propagação e o acirramento da perseguição aos judeus a fizeram perceber a necessidade urgente de compreender o que estava acontecendo com a humanidade. Notava um crescente descompromisso com o mundo que permitiu o surgimento de uma forma de governo tão inédita quanto destruidora. Assim, o ponto de partida do interesse da autora por política deve ser encontrado na condição de uma judia que testemunhou na ascensão do totalitarismo e na Segunda Guerra Mundial consequências trágicas para a vida humana na Terra.

Essa consideração pode passar discretamente por um leitor de *A condição humana*, por isso, merece destaque. É como um livro escrito por uma judia contemporânea e vítima das consequências da Segunda Guerra que deve ser inicialmente contextualizado. Ainda que Hannah Arendt tenha sido uma autora voltada para vários acontecimentos e experiências políticas, o pensamento dela encontra o seu fio condutor, do início ao fim, na compreensão do evento totalitário que marcou negativamente a vida do povo judeu.

Hannah Arendt escreveu a sua primeira obra de repercussão internacional, *Origens do totalitarismo*, nos Estados Unidos, a partir da metade dos anos 1940, portanto, no contexto do pós-guerra. Esse livro foi resultado de notícias e documentos inéditos que começavam chegar da Europa e, por isso, foi um dos primeiros textos de fôlego sobre as

² Das biografias de Hannah Arendt, destaca-se *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*, de Elizabeth Young-Bruehl, traduzida para o português por Antônio Trânsito, com revisão técnica de Eduardo Jardim de Moraes, pela editora Relume-Dumará, em 1997. Em 2007, foi publicada *Nos passos de Hannah Arendt*, de Laure Adler, traduzida por Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques, pela Editora Record. Em 2013, foi estreado nos Estados Unidos o filme “Hannah Arendt”, dirigido por Margarethe von Trotta e produzido por Zeitgeist Films, que destacou o envolvimento de Arendt com o julgamento do carrasco nazista Adolf Eichmann e as polêmicas geradas pelo livro *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, originalmente publicado em 1963.

formas de governo totalitárias. Dividido em três partes – antissemitismo, imperialismo e totalitarismo -, representou o esforço de delinear os elementos que acreditava terem tornado possível na história o surgimento dessa nova forma de dominação.

Em linhas gerais, na primeira parte do livro destaca-se a defesa de que o antissemitismo moderno não estava ligado ao preconceito religioso contra os judeus. Antes, foi uma reação à tendência assimilacionista surgida posterior a Revolução Francesa. A segunda parte do livro, dedicada ao imperialismo, tinha a intenção de contar “a história da desintegração do Estado nacional, que continha quase todos os ingredientes necessários para gerar o subseqüente surgimento dos movimentos e governos totalitários.”³

A terceira parte foi dedicada à reflexão sobre como o totalitarismo conseguiu representar uma nefasta novidade: uma forma de governo em que o terror era o pressuposto fundamental. Hannah Arendt explica esse argumento defendendo que os governos totalitários acreditavam que havia uma lei natural ou da história que precisava ser aplicada incontestavelmente. Enquanto o nazismo buscava justificação para o terror que o fundamentava no darwinismo, o bolchevismo buscava no marxismo:

Sob a crença nazista em leis raciais como expressão da lei da natureza, está a ideia de Darwin do homem como produto de uma evolução natural que não termina necessariamente na espécie atual de seres humanos, da mesma forma como, sob a crença bolchevista numa luta de classes como expressão da lei da história, está a noção de Marx da sociedade como produto de um gigantesco movimento histórico que se dirige, segundo a sua própria lei de dinâmica, para o fim dos tempos históricos, quando então se extinguirá a si mesmo.⁴

De acordo com a autora, tais regimes, partindo de leituras tendenciosas, colocavam-se como “missão” tornar brutalmente a humanidade submissa a essas leis, o que a nosso ver é contraditório, visto que se supostamente fossem, de fato, leis intrínsecas à condição humana não precisariam ser impostas. Assim, conforme Arendt, “[n]o corpo político do governo totalitário, o lugar das leis positivas é tomado pelo terror total, que se destina a converter em realidade a lei do movimento da história ou da natureza”.⁵

³ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 151.

⁴ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 515.

⁵ *Ibidem*, p. 516.

O livro *Origens do totalitarismo* faz referência a um vasto material histórico, justamente no momento em que a Guerra Fria estava começando a se desenrolar e colocava sob suspense a possibilidade de outra guerra. Também por esse contexto a obra foi tão bem recepcionada, apesar de não isenta de críticas e de polêmicas, comuns à maioria dos textos da autora. Uma das críticas dirigidas a essa obra foi a de haver um desequilíbrio na abordagem entre as perspectivas totalitárias do nazismo e do stalinismo, em favor da primeira. Ou seja, Arendt levantou mais materiais para corroborar seus argumentos sobre o governo nazista do que sobre o stalinista, o que não era de se estranhar, visto o “fechamento” da União Soviética.

Por causa dessa lacuna, depois da publicação de *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt solicitou a *Fundação Guggenheim* um financiamento para escrever um livro sobre os *elementos totalitários do marxismo*. Ela defendia ser necessária uma análise histórica e conceitual da moldura ideológica do bolchevismo que lhe permitisse entender a sua ligação com a tradição de pensamento político. Porém, no percurso da investigação, ela se deparou com questões que a fizeram mudar de plano. Por volta de 1955/1956 ao invés de um livro sobre o marxismo ou sobre a tradição política ocidental, passou a organizar o que se tornou *A condição humana*.

2. O alcance do conteúdo de *A condição humana*

A pesquisa sobre os aspectos totalitários do marxismo foi muito importante na elaboração de uma teoria política original. Isto é, foi a partir dela que Hannah Arendt desenvolveu a sua posição sobre a filosofia política contemporânea. Além de *A condição humana*, outros textos não menos relevantes são resultados do estudo financiado pela *Fundação Guggenheim*, entre os quais podem ser destacados: a última parte de *Origens do totalitarismo*, incluído na edição de 1958, chamado *Ideologia e terror* e os livros *Entre o passado e o futuro* (1961) e *Sobre a revolução* (1963).

O livro *A condição humana* é disposta em seis capítulos que discutem a situação de alienação da era moderna, através do esclarecimento das manifestações e inversões das atividades mais elementares da vida humana na Terra, ao longo da tradição de pensamento político e filosófico do Ocidente. Nesse contexto, a distinção entre era moderna e mundo

moderno feito pela autora, é importante para compreender as reflexões acerca da situação de alienação do ser humano na modernidade. O que ela chama de era moderna compreende o período aproximado do surgimento das ciências naturais, por volta dos séculos XVI e XVII e teve como principal marco a constatação de Galileu de que a Terra gira ao redor do sol. Isso produziu no âmbito da filosofia uma desconfiança quase que generalizada nos sentidos. Atingiu o seu clímax político nas revoluções do século XVIII, e as suas implicações filosóficas foram notadas somente após a Revolução Industrial, com a rebelião contra a tradição.

O mundo moderno, por sua vez, teve o seu início aproximadamente com a Primeira Grande Guerra. A sua peculiaridade é o advento dos regimes totalitários que demarcam a ruptura definitiva com a tradição. As implicações disso podem ser percebidas com o advento das armas atômicas e da incerteza de uma continuidade histórica. Por isso, Hannah Arendt afirmou que embora o livro trate da era moderna, tem como pano de fundo o mundo moderno. Isto é, a análise que ela desenvolve no livro não é uma avaliação do passado, mas sim um olhar retrospectivo, com a intenção de compreender o presente.

A alienação, considerada algo eminentemente moderno, contraposta a concepção de condição humana é o grande tema da discussão do livro. Compreendida pela autora como um duplo processo em que, primeiro, o ser humano, movido pela ciência e pela técnica, partiu os “grilhões” que o prendiam à Terra e saiu para desbravar o espaço; segundo, a alienação também era uma fuga para o ego. Esse duplo processo se caracterizava pelo descompromisso com o *mundo comum e humano* que é apresentado como a perda de uma adequada relação entre as pessoas. O mundo comum, de acordo com a autora, é recebido das gerações anteriores e deve ser legado para as futuras. A alienação torna o ser humano alheio ao cuidado com essa herança comum, pois se caracteriza pela “[...] fuga da Terra para o universo e do mundo para o si-mesmo [*self*] [...]”⁶ que desvincula o homem da sua realidade.

O tema da alienação é central em *A condição humana* e representa um aspecto importante do alcance da obra. Ao se voltar para as atividades mais basilares e evidentes da vida humana sobre a Terra, enfatizando a pertença e a necessidade do cuidado com o

⁶ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo; revisão técnica Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 7.

mundo, Hannah Arendt permitiu que a sua discussão pudesse ser explorada por vários vieses atuais, como a biopolítica, a ética ambiental e a antropologia, o direito e a sociologia do trabalho. Por isso, o conteúdo do livro é objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, ultrapassando as fronteiras do contexto da sua publicação.

O livro *A condição humana* se destaca também por sua originalidade na abordagem da política, pois, ao contrário de muitos pensadores da tradição, Hannah Arendt defendeu que não há uma natureza humana, como ocorre com as coisas, como pode ser observado:

[...] a condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo equivalente à natureza humana. Pois nem aquelas que discutimos neste livro nem as que deixamos de mencionar, como o pensamento e a razão, e nem mesmo a mais meticulosa enumeração de todas elas, constituem características essenciais da existência humana no sentido de que, sem elas, essa existência deixaria de ser humana.⁷

Apesar disso, ela não pode ser incluída na lista de filósofos existencialistas, pois diferentemente de Sartre, por exemplo, ela não defendeu que haja uma essência que proceda e se realize na existência. Para ela, a existência se fenomenaliza como singularidade na pluralidade, um “quem” em detrimento de um “quê”, que se mostra quando atuamos politicamente. Por uma abordagem original, ela concebeu o ser humano como a manifestação temporal de um conjunto de atividades relativas à pertença à Terra. Também não pode ser reduzida a uma discípula de Heidegger, pois, não enfatizou a finitude como a maneira privilegiada de autocompreensão. Ela acreditou que, embora a morte seja a condição mais certa, o ser humano não nasceu para morrer, mas para iniciar coisas novas, abrindo um leque de possibilidades para a vida que não se restringe em encontrar o sentido da existência diante da finitude. Não era o fim último da existência, para Arendt, que definia a presença humana no mundo, mas o fato de poder ser um iniciador do inédito.

Hannah Arendt dedicou o segundo capítulo de *A condição humana* à discussão da localização das atividades humanas, diferenciando a esfera pública da esfera privada e mostrando como se deu a submersão delas e a ascensão da sociedade. O termo ‘público’ foi apresentado pela autora em dois sentidos correlacionados. O primeiro se refere a tudo aquilo que vem a público, pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior visibilidade

⁷ *Ibidem*, p. 11.

possível. Significa também o próprio mundo, porque é comum a todos e diferente da natureza, referindo à construção do artifício que contribui para uma vida estável.

O espaço privado, de acordo com a autora, corresponde ao fato de que, “[v]iver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais a uma vida verdadeiramente humana [...]”.⁸ A esfera privada correspondia no mundo grego antigo à vida no lar, a um espaço despótico em que, sob a tirania do chefe da família, não havia liberdade nem igualdade, como afirmou: “[...] significava literalmente um estado de encontrar-se privado de alguma coisa, até das mais altas e mais humanas capacidades do homem. Quem quer que vivesse uma vida unicamente privada [...] não era inteiramente humano.”⁹ Essa discussão sobre a distinção entre o público e o privado também tem um alcance atual relevante. Pode ser destacado, por exemplo, os estudos na área dos direitos humanos e na teoria feminista no que tange à participação, sentido e emancipação do público.

Nos capítulos três, quatro e cinco, Hannah Arendt desenvolve a sua análise do que compreendeu ser a vida ativa, isto é, o modo mais fundamental sob o qual a vida humana se torna possível na Terra, discorrendo sobre o trabalho, a obra ou produção e a ação. Cada uma dessas atividades caracteriza a forma mais básica de manifestação da existência, como modos de relacionamento com o mundo comum e humano.

A primeira atividade abordada é a do *animal laborans* que se diferencia como sendo aquela menos característica da humanidade do homem, mas que ocupa um lugar indispensável para entender a situação contemporânea. Vivemos atualmente em uma sociedade de consumidores, visto que, para o *animal laborans*, produzir e consumir são momentos diferentes do mesmo processo. Essa busca pela satisfação imediata da vida, bem como o ritmo acelerado do consumo, caracteriza a sociedade atual.

Apesar disso, a atividade do trabalho é o que garante que as demais sejam possíveis. Por isso, o homem precisa se liberar dela, e não anulá-la, o que seria impossível sem o desmoronamento da hierarquia. Não existe, na autora, uma desvalorização do trabalho; mas o interesse era pensá-lo em sua fenomenalidade específica, ou seja, como ela se manifestou

⁸ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo; revisão técnica Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 71.

⁹ *Ibidem*, p. 46.

nas experiências originárias da civilização ocidental e assim entender a situação humana contemporânea ou, como ela mesma afirmou no prefácio da obra, o que estamos fazendo com o mundo.

A obra ou produção, atividade do *homo faber*, também é discutida pela autora ocupando um lugar menos relevante na condição humana no que diz respeito à vida política. Ela é a atividade mais mundana, ainda que não seja política. Isso se deve ao caráter de produção que lhe caracteriza. Tudo que é produzido por essa atividade passa a compor a condição humana. Ela delimita e condiciona a vida propriamente humana com outros na Terra, diferenciando a natureza animal do mundo humano. Deste modo, a multiplicação que lhe é intrínseca, é diferente da repetição típica da atividade do trabalho. A atividade da obra também se caracteriza por ter um começo e um fim previsível, enquanto o trabalho, na sua atividade cíclica, é perene.

A ação é a atividade menos natural e, portanto, a mais humana. Não sendo comum aos outros animais, é a única que tem como pressuposto insubstituível à presença de outros seres humanos, diferentemente da produção, por exemplo, que, apesar de não natural e de propiciar a construção de um mundo comum, não pressupõe o encontro humano desinteressado como a sua condição necessária.

A ação corresponde, afirma a autora, ao termo grego *arkhein* e ao latino *agere*, que significam ‘começar’, ‘conduzir’, ‘guiar’ e ‘pôr alguma coisa em movimento’. Isso, ao mesmo tempo em que se aproxima dos correspondentes *práttein* e *gerere*, mas em sentido secundário, tendo em vista que esses dois últimos termos significam levar a cabo alguma coisa, permanência e sustentação de atos passados. Dessa forma, como atesta Amiel, para Arendt, a ação é uma iniciativa singular (*arkhein*), manifestando, portanto, a individualidade do seu agente, e ainda, a ação é conduzida por vários participantes (*práttein*), o que demonstra que ela só tem sentido entre outros seres humanos.¹⁰

Todas as três atividades a que a autora se dedica a tratar mais extensivamente em *A condição humana* correspondem às condições mais fundamentais e inalienáveis da vida humana sobre a Terra. O que está em questão nessa discussão é a maneira como elas se apresentavam ao longo da tradição que, mediante inversões, contribuíram para o velamento

¹⁰ Cf. AMIEL, Anne. *Hannah Arendt: política e acontecimento*. Tradução Sofia Mota; revisão António Caeiro. Lisboa: Piaget, 1997, p. 69.

do sentido da política e, dessa forma, a negar a responsabilidade como algo necessário para a vida política do ser humano.

A conclusão da reflexão de Hannah Arendt sobre as atividades da vida ativa pode ser percebida no último capítulo da obra, intitulado *A vita activa e a era moderna*. Ao tratar da moderna introspecção do ser humano, arremata o alcance da obra, ao realizar um diagnóstico da situação política contemporânea. Ela desnuda as origens e os problemas políticos da mentalidade consumista do homem atual, chamando a atenção para o crescente problema da valorização da futilidade da vida e para o descompromisso com o mundo comum e humano.

O livro *A condição humana* é uma obra de alcance temático inegável para a atualidade. Mesmo que a conjuntura política seja outra, muitos dos assuntos que Hannah Arendt abordou permanecem fornecendo elementos para a reflexão das experiências atuais. Contudo, optamos por aprofundar a potência da frase contida no prefácio da obra em que afirma que pretende pensar sobre a realidade da condição humana, pois, acreditamos que nessa formulação se revela um dos aspectos mais significativos da filosofia da autora.

3 A atualidade de “o que estamos fazendo”

No prefácio de *A condição humana*, Hannah Arendt chama atenção para o fato que não havia mais motivo para duvidar da capacidade humana de destruir a vida na Terra. Contudo, ela questiona se é nesse caminho que a humanidade deseja conduzir a racionalidade técnico-científica e defende que essa é uma decisão política de primeira grandeza que não pode ser deixada para cientistas e políticos profissionais. Ela se preocupa com o divórcio entre o pensamento e o conhecimento instrumental, a partir do qual nos tornamos escravos indefesos da técnica e também com o advento da automação que pretende emancipar do trabalho uma sociedade de trabalhadores.

Diante desse quadro contemporâneo, Arendt esclarece que não pretende oferecer respostas definitivas, pois afirma, “elas jamais poderiam se basear em considerações teóricas ou na opinião de uma só pessoa, como se lidássemos aqui com problemas para os

quais só existe uma solução possível.”¹¹ O que ela pretende nesse livro é refletir sobre a alienação do homem no mundo moderno através da reconsideração da condição humana, destacando a dinâmica das inversões das atividades da vida ativa ao longo da tradição e mostrando como o distanciamento do ser humano em relação ao mundo comum culminou na atual situação de introspecção.

O sentido da atualidade que pretendemos aprofundar em *A condição humana* pode ser percebido a partir da seguinte formulação da autora: “pensar o que estamos fazendo”. Nesse sentido, a atualidade a que nos referimos não é fazer um paralelo entre os acontecimentos contemporâneos à Arendt e os mais recentes ao nosso momento histórico, como se buscássemos transpor algumas análises da autora. O que se coloca é perceber o vigor filosófico, compreendido como o potencial do referencial utilizado pela autora propiciar uma reflexão atual, isto é, um voltar-se para as questões do nosso próprio tempo.

A atualidade, nesse sentido, é uma característica da atividade do pensamento, tal como concebido por Arendt. Diz respeito a uma problematização dos eventos recentes a partir da tensão entre o passado e o futuro. O pensar, para ela, surge da força que a experiência do passado e a expectativa do futuro exercem sobre nós. Essa temporalidade assume um importante papel na teoria política de Hannah Arendt porque mesmo que só tenha sido explicitada tardiamente, em *A vida do espírito* (1978), foi à maneira pela qual ela avaliou os acontecimentos e escreveu seus textos.

Em *A condição humana* não há uma história da filosofia, preocupada em descrever sobre o que foi a política na Grécia antiga, muito menos uma filosofia da história em que por uma lógica ahistórica se possa compreender o passado e o futuro. *A condição humana* está voltada para os acontecimentos políticos recentes, considerando a liberdade dos atos humanos que geram a história. Porém, na filosofia de Hannah Arendt isso acontece sem perder de vista a profundidade do passado e a perspectiva de um futuro possível.

Ao não adotar uma perspectiva que pensa o futuro como uma consequência histórica do presente e do passado, mas reconhecendo a imprevisibilidade radical contida na capacidade humana de empreender o inédito, Hannah Arendt lança os argumentos em *A condição humana* de uma concepção de política que tem como característica fundamental a

¹¹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo; revisão técnica Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 6.

responsabilidade pelo mundo (*Amor mundi*). O diagnóstico da contemporaneidade, de acordo com *A condição humana*, é que vivemos em uma era em que negamos assumir a responsabilidade pelo comum, fugindo para dentro de nós, através da introspecção, ou para fora do mundo, através de uma técnica instrumentalizadora e de uma ciência que repousa seu estatuto no espaço, nas leis universais que explicam a origem do cosmos, mas pouco tem a contribuir com o cuidado com o exclusivamente uma construção humana e, portanto, terrena. Nesse contexto, a reconsideração da condição política do homem ganha uma importância indispensável e urgente para a realidade atual.

Compreender a importância da atividade de pensar para *A condição humana* necessita que não percamos de vista que o pensamento está sempre referido a uma experiência singular expressa na pluralidade humana no seu duplo sentido. Em primeiro lugar, como multiplicidade de pontos de vista de indivíduos que compartilham um mundo e, em segundo lugar, como a dualidade interna que caracteriza a atividade do pensamento.

O pensar conforme concebeu Arendt é um diálogo interno e sem fim que não busca resultados nem verdades definitivas; ao contrário, ele tem um caráter depurativo de todos os valores e concepções que se pretendem universais. É por essa concepção da faculdade do pensar que as reflexões contidas em *A condição humana* transitam entre um passado e um futuro ativos. O passado e o futuro se chocam no intervalo da consciência como duas forças e possibilitam a pura atividade de pensar. São as experiências do passado, resgatadas pela memória que podem nos permitir a perspectiva da responsabilidade por um futuro possível. Por isso, de acordo com Duarte, “[a]prender a pensar significa aprender a se situar na brecha entre o passado e o futuro, buscando encontrar o próprio lugar no tempo no instante do pensamento”.¹²

É avaliando essa concepção de temporalidade que podemos perceber como o pensamento permanece relacionado à realidade atual. Ainda que o pensar não seja uma faculdade mundana, possuindo uma localização e utilidade completamente diferentes das atividades práticas da condição humana, ela se realiza a partir de acontecimentos que presenciamos no mundo. É em relação ao passado que a memória nos revela, bem como a

¹² DUARTE, André. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 139.

preocupação com um futuro possível, isto é, com a responsabilidade pelo mundo, que se ergue essa atividade.

A política está implicada na temporalidade do pensamento porque oportuniza ao indivíduo que pensa a possibilidade de não ceder a diretrizes que comprometam o futuro. Isso acontece a partir da experiência que o passado exerce nas nossas consciências. O passado e o futuro, nesse caso, se revelam como a condição para que possamos assumir a responsabilidade pelo mundo, cuidando dele e o preservando para as gerações vindouras.

A obra *A condição humana* é um exercício do pensamento que encontra a sua atualidade na reflexão sobre o que estamos fazendo em relação ao passado e ao futuro. Convida a um mergulho no presente, nos acontecimentos atuais, para deles fazer emergir as próprias urgências. Nesse sentido, há que se considerar que ao procurar refletir sobre os eventos recentes a obra permanece atual. Se um pensador não se mantém atento ao passado ele perde a profundidade e desse modo perde a atualidade. Uma obra não é atual somente na medida em que os conteúdos tratados alcançam os assuntos recentes, mas na medida em que se constitui como uma reflexão sobre os acontecimentos que convidam a novas reflexões. Assim, para ser atual uma obra precisa resguardar certo distanciamento dos acontecimentos através da crítica do pensamento. *A condição humana* cumpre ambos os papéis: se por um lado o seu conteúdo continua fecundo para pensar os eventos atuais, por outro lado, ela encontra vigor filosófico no fato de se constituir como um exercício do pensar, um flexionar sobre os eventos que pode se repetido em cada experiência e encontrar respostas diferentes.

Doutor em Filosofia (UFPE)
Professor de Filosofia (UFPE)
E-mail: prof.fernandoufpe@hotmail.com